



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/cointuindo-com-plantas>

Cointuindo com plantas e mais-que-plantas[1]

Anais-karenin[2]

RESUMO: O seguinte ensaio discorre sobre as relações entre plantas e intuição, sugerindo a existência de um modo de comunicação e saber específico que é apreendido com as plantas, especialmente as ervas medicinais. A autora narra brevemente suas experiências no aprendizado com as plantas, as quais afetaram sua produção artística e acadêmica, bem como suas relações com as mulheres que preservam os saberes populares sobre plantas medicinais, chamadas “erveiras”, e sua ancestralidade dos sertões cearense e mineiro.

PALAVRAS-CHAVE: Plantas. Intuição. Mitologia.

Co-intuiting with plants and more-than-plants

ABSTRACT: The following essay discusses the relationship between plants and intuition, suggesting the existence of a specific mode of communication and knowledge that is apprehended with plants, especially medicinal herbs. The author briefly narrates her experiences in learning about plants, which have affected her artistic and academic production, as well as her relationships with the women who preserve the popular knowledge about medicinal plants, called “erveiras”, and her ancestry from the dry lands of Ceará and Minas Gerais, called “sertões”.

KEYWORDS: Plants. Intuition. Mythology.

Quais linhas podemos seguir em busca de construir outros modos de interação com o existir? Como tornar-se semente e plantar a si mesma para falar com o mundo a partir do fundo da terra? Trata-se de desdomesticar a presença da planta, ativando a escuta. Para além da intuição humana, perceber a intuição que nasce dentro da planta. Cointuir, multi-intuir, interligando-se ao mundo por meio da erva.

Meus antepassados cultivavam algodão no solo seco do sertão cearense. Com os tufos, faziam os fios, com os fios teciam suas roupas, a rede em que dormiam. Com as flores e folhas, faziam chás.



A linha do algodão criou esse laço de ciclo em seus gestos cotidianos, em que tudo o que faziam era regido por planta. Esse fio chegou a mim intuitivamente.

A intuição muitas vezes é compreendida como um sistema interno de percepção. No entanto, se apresenta como qualidade relacional, meio de comunicação transespacial, transtemporal e interespecies (Haraway, 2016). Ao comunicar-nos com as plantas, elas fornecem uma capacidade de transmutação, modificando todo o corpo, vibração e condição existencial no mundo. Geram uma abertura mental e cardial a partir do aprendizado de uma linguagem menos humana. Esse aprendizado não é homogêneo e muito menos simples, pois as plantas não estão aqui para oferecer, mas para se unir, produzir vínculos e aberturas que vem e vão por várias vias.

Elas acionam, acima de tudo, uma possibilidade dialógica de cuidado cíclico e de modificação contínua de todas as existências envolvidas. Essa condição de variação fica evidente pelos diferentes efeitos que uma mesma planta pode fazer em diferentes corpos. Ou pelas diferentes experiências, para além da física, que é possível acessar nesse relacionamento. Por isso, aprender a se comunicar com elas, falar e principalmente ouvir, é uma prática essencial que proporciona uma relação íntima e de mútua afetação.

As plantas medicinais, em especial, influenciaram profundamente as minhas pesquisas teóricas, bem como a produção de minhas obras de arte, me mobilizando durante muitos anos numa busca pela de-categorização das relações entre o corpo e a erva, bem como com essa chamada “natureza”, onde tantas coisas se aglutinam. Persigo continuamente os questionamentos “o que é natureza?” e “o que é vida?”, os quais surgiram na relação com as plantas. Faço esses questionamentos, no entanto, sem a intenção de encontrar uma resposta, mas de criar modos de desestabilizar esses conceitos e interagir com as plantas sem tais mediações. Expandindo também a minha capacidade de conexão com outros seres, imaginações e sonhos.

De acordo com a antropóloga Elizabeth Povinelli (2016), a definição científica de vida como processos metabólicos (nascimento, crescimento, reprodução e morte) gerou a divisão do mundo entre vivo e não-vivo, excluindo da esfera “viva” um conjunto de entidades, como as rochas. A partir do conceito de geontologia Povinelli propõe repensar as relações com os minerais, questão que é suscitada especialmente a partir das relações que as populações Karrabing estabelecem com as rochas.



Inspirando-se em tais conceitos, as categorias de vida e não-vida são borradas na obra de minha autoria “A plant a mineral meanings of life or resonance on water”, realizada durante a residência Togatta Artist in Residency, localizada na base do vulcão Zao, em Miyagi (Japão). A obra *site-specific* sugere relações íntimas e interdependentes entre plantas e minerais. Instalada no meio da mata, só é possível acessar a instalação caminhando entre as árvores, o que possibilita ao público se conectar com o ambiente e as relações interespécies que ocorrem ao redor, na atmosfera. Assim, a obra tem atuação narradora e mediadora, gerando relações que se dão para além de sua materialidade.



Anais-karenin, “A plant a mineral meanings of life or resonance on water”, *site-specific*, Miyagi, Japão, 2022

No *site-specific*, as substâncias de 50 espécies diferentes de plantas identificadas ao redor do vulcão Zao foram extraídas, utilizando-se de uma técnica artística pessoal, baseada em metodologias tradicionais usadas no preparo de medicinas de plantas. Tais substâncias vegetais participam de dois sistemas. No primeiro, evaporam e retornam à atmosfera, navegando pelo ar através de gotículas de água, penetrando na pele, solo, superfície de outras plantas e atraindo diversos insetos. No segundo sistema as diferentes substâncias são misturadas e circulam retornando ao solo. Este sistema inclui ainda águas termais de alto teor mineral, as quais ao entrar em contato contínuo com plantas coletadas e rochas, atuam de modo a modificá-las. As rochas, antes acinzentadas (ígneas e



metamórficas) tornam-se alaranjadas e ricas em minérios de ferro, enquanto as folhas das plantas coletadas transformam-se em rochas esverdeadas.



Anais-karenin, “A plant a mineral meanings of life or resonance on water”, site-specific, Miyagi, Japão, 2022

A força dos vulcões é expressa na obra como capacidade destrutiva e potência regenerativa e diversificante, referenciando os intervalos de erupção das regiões vulcânicas que resultam no aumento da diversidade vegetal e mineral. Insinua, portanto, a existência de alianças profundas entre raízes-sementes e minerais. A narrativa da obra entrelaça especulação mitológica, conhecimentos populares da comunidade de Togatta e dados científicos, associando os estados de transformação do ecossistema da montanha vulcânica aos ciclos da água, a qual metaforicamente remete à uma materialidade sem forma, sem definição e a qual participa de tudo.

Buscar outras possibilidades de interpretação de conceitos categóricos possibilita reflexionar sobre as narrativas que narram o mundo. Quais mundos se formam a partir delas? No sertão, há uma narrativa sobre a origem do algodão que é contada de diferentes formas. A versão que mais me encanta é a de que a semente de algodão foi dada por uma entidade Guarani, chamada Tupã. No lugar onde foi plantada abriu-se um enorme buraco e tufo branco começaram a surgir. Com os tufo de algodão foram tecidas cordas, e através delas foi possível chegar até o fundo do poço. Lá foram encontrados seres, que ensinaram os segredos do cultivo ao povo da superfície[3]. Essa narrativa associa aos seres diversos que vivem no fundo da terra. Bactérias, rizomas de fungos,



insetos, minerais, vírus, raízes de plantas, inúmeros micro-organismos e seres invisíveis.

Dessa profundidade, conduzida por uma semente, revelam-se saberes.

Uma das profecias Guarani sugere que Tupã irá retornar e renascer no coração dos não indígenas (Jecupé, 2001). Talvez as sementes sejam a forma de seu renascimento, significando a reativação de um modo de reconhecer o mundo para além da racionalização, para além da exploração, para além da utilização. Um coexistir, interagir, ser simbiote.

A homogeneização do discurso científico apagou historicamente outros modos de comunicação e percepção sobre as plantas, como os saberes tradicionais, indígenas, os ritos, mitos, encantos, magias, relações de parentesco e afetos que não diferenciam a categoria humano e planta. Esses dilemas situam a minha prática, que se foca na retomada de saberes de minha ancestralidade, advinda dos sertões cearense e mineiro, onde minha bisavó, de origem indígena Maxakali[4], viveu. Mesmo que essa busca tenha se iniciado dentro de mim, considero que seu real começo é anterior a minha existência, advindo das tradições vivenciadas por minhas antepassadas que transmitiram seus saberes até mim por meio de uma sensibilidade intuitiva, em forma de magia e encanto. Nas tradições, os modos de transmissão de saberes são extremamente importantes. Muitas vezes o aprendizado está mais contido no modo como a transmissão ocorre do que no saber em si.

Sendo assim, as narrativas que apresento aqui se dão como um modo de ampliar formas de habitar e se relacionar com os seres através de um aprendizado primeiro com as plantas, rompendo com o afastamento estrutural gerado dentro das sociedades modernas, e gerando a possibilidade de troca, transformação, de coexistência e, quem sabe, de uma política das plantas (Myers, 2021).

Desde os 11 anos eu sentia muita cólica menstrual. Não me lembro de onde veio a decisão e sabedoria de consumir chá de camomila, mas com ele tive um alívio imediato das cólicas no mês seguinte. O surgimento de uma dor latente abriu um portal de modificação sem retorno. Nesse momento comecei uma longa jornada. A partir dessa experiência surgiu uma primeira lição: o conhecimento sobre as ervas surge e se espalha através de uma relação, a qual nos permite perceber formas não-humanas de existir e se comunicar.

Comecei então a frequentar encontros de *erveiras* em zonas rurais do Brasil. As *erveiras* são, em sua maioria, mulheres (mas não apenas) na faixa de 50 a 80 anos (mas não apenas) que preservam os saberes tradicionais sobre plantas medicinais, fazendo usos de muitas ervas de modo cotidiano, compartilhando conhecimentos e receitas que aprenderam com as gerações anteriores. Por serem



conhecimentos transmitidos de geração em geração, é comum nesses grupos se presumir que a origem deles é maioritariamente indígena e/ou quilombola, e que foram sobrevivendo de diferentes modos ao longo do tempo. Dentre tantas *erveiras* há um grupo chamado Rede Fitovida, originário de zonas rurais do Rio de Janeiro, com o qual tive a oportunidade de aprender diversos saberes acerca das ervas. Por ser uma ferramenta de autonomia contrária à indústria farmacêutica e aos interesses do Estado, a transmissão de tais saberes levou algumas dessas mulheres a serem perseguidas, por liderarem ações significativas de resistência, como ocupar uma farmácia abandonada pelo governo para produzir receitas de ervas e distribuí-las gratuitamente para a população.

Uma das principais companheiras no percurso de aprendizado com uma *erveira* é a intuição. Muitas aprenderam receitas de suas avós, totalmente guiadas por um saber interno e invisível. Invés de ser regido por uma explicação pormenorizada, ouvi muitos relatos de situações como: “vai lá no mato buscar uma *cavalinha*”. E a *erveira* — ainda praticamente criança —, nunca tinha ouvido falar o que era *cavalinha*, nem mesmo conhecia sua forma. Mas entrando no mato, simplesmente olhava para uma erva e ouvia o seu chamado. Colhia, e retornava para a sua avó com a *cavalinha* na mão. Esse método da intuição se origina da confiança, tanto em sua voz interna, quanto na voz da erva, quanto na rede afetiva na qual você está inserida — sendo que essa rede pode ser um grande grupo ou você e a erva.

Muitas vezes entrei na mata e caminhando avistei plantas que me chamaram. Coletei e depois fiz a busca da identificação e descobri que eram mesmo plantas medicinais, que tinham propriedades que eu precisava aprender por alguma razão. Com a busca acionada pelo meu corpo físico, pelas memórias e pelas escutas, teci uma relação muito íntima com certas ervas, como a *equinácia*[5], *aroeira*, *barbatimão* e *uva ursi*. Todas elas compõem um arsenal ancestral de banhos e ritos preparados. Os chamados “banho de assento” me circundam desde a infância, com uma mistura mística de ervas aromáticas e antiinflamatórias colocadas em um grande balde onde ficava sentada por até uma hora, até a água esfriar por completo. A *aroeira* e o *barbatimão* formam a melhor combinação para tratamento de candidíase, a *uva ursi* para infecção urinária.

Há uma condição de ativação que se forma no contato sensível com as ervas, e que produz a cura para muito além do que a ciência pode explicar. Essa escuta e interação está relacionada aos atos de sensibilização, intuição, cuidado, envolvimento e coexistência. Por isso, sempre considerei a ingestão de uma planta medicinal um ato de reverência e oferenda. Curar com planta não significa



remover a doença, mas oferendar a erva a um corpo, abrindo a possibilidade de se tecer um encontro com outros mundos.

As plantas nos permitem ser um só corpo junto a elas, integrar-se, coexistir, compartilhar saberes. Quando isso ocorre, com os olhos fechados e em silêncio, as informações simplesmente chegam. Por meio do cheiro, da textura, da memória da planta que se transmite para nós.

Com a intenção de criar relações mais próximas entre o corpo e plantas comecei a criar roupas de ervas. Cada roupa com uma erva específica, utilizada para gerar ativações que conectassem as existências, como em um alinhamento. Não por acaso esse experimento poético se apresentou como método de cura, com registros de uso pela Medicina Tradicional Chinesa (MTC), no qual bolsas com misturas de ervas eram amarradas à cintura, sob a barriga, para tratamento de problemas intestinais.

Esses modos não imediatos, mas cíclicos de envolvimento com as ervas ativam uma temporalidade não linear, que desmancha uma estrutura de dualidade, de começo e fim. O tempo cíclico está presente em inúmeras filosofias, e está associado às manifestações do existir, e a incerteza da circularidade. Essa ciclo se apresenta também na respiração, que é o ato essencial que nos mantém e uma das primeiras relações que as ervas nos proporcionam, gerando o mundo em que habitamos, “fotossintetizando” o existir.

Os mundos constituídos pelas plantas são múltiplos, nutrem e envenenam, compondo e decompondo-se em relações contínuas, em uma linguagem própria que recria-se a cada novo encontro, seja por relações simbióticas entre rizomas e fungos, seja por interação viral ou bacteriana, alianças com o vento que espalha sementes, ou tornando-se erva de cura. Cada um desses contatos é exercido por uma língua própria que a erva cria com o ser com o qual se relaciona.





Conectar-se com a habilidade multi-linguística das plantas é o meio pelo qual as *erveiras* se comunicam com as ervas e matas, absorvendo e sendo absorvidas por saberes e segredos vegetais. O que há de inédito nessa comunicação é que ela se funda de forma multi-específica, surgindo a cada novo encontro. Em minha experiência, a linguagem-planta que acessei inaugurou uma nova forma de percepção em minha trajetória. Não apenas nos modos de perceber os seres vegetais, mas os micro seres, o cosmos, as entidades invisíveis.

A humanidade moderna foi constituída parametrizando-se na presença humana, o que, dentre outras coisas, desencadeou no que hoje intitula-se Antropoceno, uma espécie de era geológica marcada por ações humanas de grande impacto. Esse impacto não se retém, no entanto, ao campo físico, mas em muito se aplica aos efeitos simbólicos produzidos pela parametrização da existência humana em si mesma, levando a uma forma restritiva de entendimento e assimilação dos mundos.

O engajamento profundo com as plantas gera, assim, a possibilidade de outra forma de parametrização, a qual nomeio como *mais-que-planta*, inaugurando um conceito que ativa minha cosmologia pessoal, baseada e parametrizada em uma aliança primeira com as plantas. Sendo assim, o conceito *mais-que-planta* — o qual faz referência direta ao termo *mais-que-humano*[6] — se refere a todas as entidades, materialidades, seres, organismos, coisas, entre outros, incluindo seres-humanos. O termo, no entanto, não cria uma separação entre plantas e outros mundos. Neste ponto, se diferencia da funcionalidade do termo *mais-que-humano*, o qual acaba por excluir a figura humana da esfera dos demais seres.

Propondo borrar as fronteiras da definição científica de espécie, o conceito *mais-que-planta* inclui também os seres vegetais. Não na finalidade de negar a função das categorias de espécie dentro da disciplina da Ciência, mas para exercer uma forma de recusa ao extrapolamento dessa forma de



categorização científica, a qual saltou de dentro da disciplina e passou a compor a realidade “universal” — do universalismo moderno.

Entretanto, para se pensar o conceito mais-que-planta é necessário ter o cuidado de não recair nas garras do universalismo. A relação com as plantas é específica de cada contato, produzindo uma ramificação de relações confusas, caóticas, como a mistura de águas cristalinas de fontes distintas: torna-se impossível distinguir. Assim, mais-que-planta propõe esse embaralhamento em que as fronteiras entre diferentes espécies tornam-se turvas, assim como a assimilação entre as mesmas espécies torna-se questionável, pois o parâmetro deixa de ser aquele da análise categórica, passando a ser o da aliança específica, do parentesco, também da renúncia e especialmente da intuição.

O manejo das ervas medicinais possibilita visualizar a intuição materializada, sendo essa uma forma de saber com o espírito, uma comunicação mais-que-planta, compartilhada por todos os existires, visíveis e invisíveis. Tornar-se uma *erqueira* que cura com planta não significa aprender a usar a planta, mas deixar-se usar por ela, tornando a fragilidade do corpo uma oportunidade de transmutação. As substâncias vegetais que fazem associação química com o corpo humano são aquelas que corrompem o sistema da humanidade, que reafirmam a inexistência da pureza.

Tais interdependências de mistura, experienciadas por mim ao longo dos anos, enraizam as decisões poéticas de meus atos na expressão das alianças mais-que-planta. Ser mais-que-planta é habitar os mundos por outras vias de contato, é intuir através da planta. Trata-se de abdicar do entendimento pormenorizado, das categorias universalizantes, da racionalidade esquadrinhada, fazendo borrar a separação entre pele, solo, rizoma e folha. Ser afetada e modificada pelas ervas produz uma relação além-mundos, coações, ervas-mundos, mais-que-plantas.

Bibliografia

HARAWAY, Donna J. **Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene**. Londres: Duke University Press, 2016.

JECUPÉ, Kaka Werá. **Tupã Tenondé: a criação do Universo, da Terra e do Homem segundo a tradição oral Guarani**. São Paulo: Editora Fundação Peirópolis Ltda., 2001.

MYERS, Natasha. Politics of Plants. Preliminary Questions. Zheng Bo in Conversation with Natasha Myers. **Gropius Bau Journal**, 2021. Disponível em



<<https://www.berlinerfestspiele.de/en/gropiusbau/programm/journal/2021/zheng-bo-natasha-myers-politics-of-plants.html>> Acesso em: <30/06/2022>.

POVINELLI, Elizabeth. **Geontologies**: a requiem to late liberalism. Londres: Duke University Press, 2016.

Recebido em: 15/09/2022

Aceito em: 15/10/2022

[1] O termo mais-que-planta é introduzido brevemente neste ensaio, no entanto, pertence a uma pesquisa extensa, sendo este o conceito principal de minha tese de doutorado.

[2] Anais-karenin é artista, escritora e pesquisadora. Doutoranda no PPGAV-USP, Pesquisadora Visitante na Universidade Waseda (JP), situa sua prática no engajamento íntimo com as plantas, incorporando sistemas de conhecimento tradicionais, mitologia e animismo para refletir sobre história, linguagem, território e ciência. Atualmente pesquisa as paisagens de Satoyama, no Japão. E-mail: anaiskarenin@gmail.com

[3] Narrativa transmitida oralmente por meu avô, retirante do sertão cearense, em minha infância.

[4] Tal origem não indica, no entanto, a continuidade linear de uma tradição indígena em minha família, a qual foi sobreposta pelos conhecidos mecanismos coloniais de apagamento de memória e linhagem. Por isso faço referência a uma transmissão intuitiva, a qual considero um mecanismo invisível e resiliente dos saberes ligados à terra.

[5] Os nomes de plantas serão apresentados apenas por meio da nomenclatura popular, do modo como me foi transmitido oralmente.

[6] Utilizado pela primeira vez por David Abram em seu livro “The Spell of the Sensuous: Perception and Language in a More-than-Human World” (1996) e repensado posteriormente por diversas autoras, incluindo Donna Haraway, entre outras, como um termo que identifica a multidão de espécies além da humana e caminha na tentativa de questionar a centralidade humana.